

DIA MUNDIAL DO ROCK

13 DE JULHO

**ACONTECEU NO
PLANCK**

Fique por dentro de tudo
que rolou no Planck!

**A HISTÓRIA DO
ROCK**

Conheça tudo sobre o início
do Rock and Roll

CINE ROCK

Indicações de filmes e
documentários

Guia Planck

DIA MUNDIAL DO ROCK

EDITOR CHEFE	Leonardo Lobo
EDITOR ASSISTENTE	Vitor Armelin
REVISORAS	Marcia Alvarenga e Sandra Rapaci
INTEGRANTES DA AGÊNCIA JÚNIOR	Davi Spinardi, Jessica Arashiro, João Piceli, Livia Barciella, Maria Fernanda Brandão e Mel Frutos.
COLABORADORES	Prof. Julio Souza, Andrei Guerra, Bruno Marchezin, Daniel Almeida e João Pedro Rodrigues

COLÉGIO PLANCK

DIRETOR DE OPERAÇÕES, RELACIONAMENTO, INOVAÇÃO E CULTURA	André Guadalupe
DIRETOR DE ENSINO E AVALIAÇÃO	Umberto Malanga
DIRETOR ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO	Marcelo Pelisson

ROCK AND ROLL

NESTA EDIÇÃO



- | | | | |
|-----------|------------------------------|-----------|----------------------------|
| 04 | Nota do Editor | 17 | International Corner |
| 05 | Aconteceu no Planck | 18 | Toca Raul! |
| 08 | A História do Rock! | 19 | Palavra com os Professores |
| 11 | Entrevista com Gerson Conrad | 23 | Napoletano Rock 'n' Roll |
| 13 | O Rock no país do Samba | 27 | Curiosidades sobre o Rock |
| 14 | A era dos festivais | 29 | Professor Roqueiro |
| 16 | Entrevista com André Rod | 31 | Cine Rock |

NOTA DO EDITOR



Sempre gosto de lembrar dos momentos da minha vida relacionado com alguma trilha sonora. Seja ela uma música específica ou com um gênero musical.

Sendo assim, com certeza a minha adolescência foi marcada pelo Rock! Cresci nos anos 90, como alguns dos pais que leem nossas páginas, época de Nirvana, Pearl Jam, Guns and Roses, The Offspring, System of a Down, Papa Roach, Red Hot Chilli Peppers, Linkin Park, Green Day, entre outros nomes internacionais. No cenário nacional reinava Raimundos e Charlie Brown Jr, mas é claro que curtiá Capital Inicial, Cassia Eller, Legião Urbana, Paralamas, Titãs, entre tantas outras bandas menores e de cenários mais alternativos.

Na onda de diversos discos acústicos da MTV (aqui você entrega a idade), diversos encontros com amigos para ver algumas bandas da região e alguns shows como Red Hot Chilli Peppers, Linkin Park, entre outros.

Senão bastasse estas lembranças, escuto até hoje a trilha sonora do jogo Tony Hawk Pro Skater 2 e um dos meus seriados preferidos (Supernatural) é levada por uma verdadeira session de Classic Rock!

Nesta edição apresentamos para vocês entrevistas, curiosidades e diversos fatos sobre o mundo do Rock!

Não poderia deixar de agradecer ao Professor Julio Souza, que abraçou esta edição com tanto carinho e conhecimento, que além de escrever grande parte desta edição, nos concedeu uma entrevista contando a sua relação com o Rock. Aproveito para convidar vocês para lerem as nossas páginas ao som da Web Rádio CrazyRock, comanda pelo Professor Julio, ouvindo o que há de melhor no mundo do Rock!



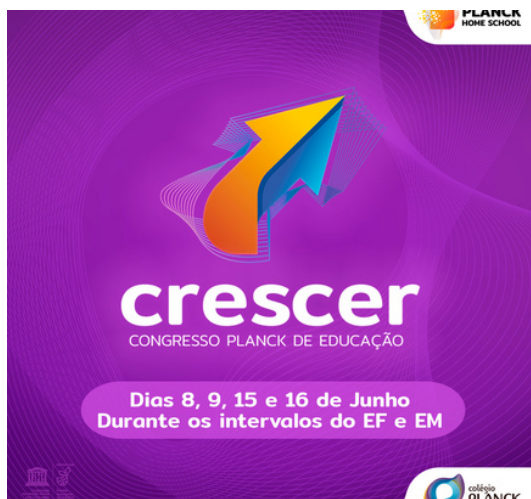
Leonardo Lobo
EDITOR CHEFE

ACONTECEU NO PLANCK



AGÊNCIA JÚNIOR
DE COMUNICAÇÃO & MARKETING

O MÊS DE JUNHO PASSOU MUITO RÁPIDO, NOSSOS ESTUDANTES REALIZARAM DIVERSAS ATIVIDADES DIVERTIDAS



Tivemos o nosso 5º Congresso Crescer



Etapa II do Torneio Planck de Xadrez Online



Exposição de Artes do 9º Ano do Ensino Fundamental



Exposição de Mangá no Pátio das Artes



Aula de Literaruta com a Professora Ana Ribeiro - Encenação do livro "Niketche: Uma História de Poligamia"



Entrega de medalhas e certificações do P3O do ano de 2020



Road Show da Protagonus - Empresa da Eletiva de Startup & Empreendedorismo



Peça de Teatro apresentado pelo Ensino Fundamental



Recebemos um presente da Família Ott



Campeonato Paulista de Xadrez



Intervalo Musical do Ensino Médio



A HISTÓRIA DO ROCK!

POR PROFESSOR JULIO

DO NASCIMENTO À IDADE ADULTA: PEDRA QUE ROLA NÃO CRIA LIMO.

O Blues nasceu com o primeiro escravo negro na América. Da África, os negros trouxeram sua expressão vocal básica - os hollers -, gritos de entonações estranhas que cortavam os céus do Novo Mundo como uma espécie de sonar, explorando um território desconhecido. (...) O negro era uma ferramenta de trabalho. (...) Não podia tocar instrumentos de percussão ou de sopro. Os brancos receavam que pudessem ser usados como um código, incitando à rebelião. Assim, a voz ficou sendo o principal - senão o único - instrumento musical do negro. Era usada nas work-songs, canções em que o feitor cadenciava o trabalho dos escravos, a batida dos martelos ou machados, o levantamento das cargas, etc. Estas canções ajudavam a amenizar e racionalizar o trabalho e o tornava mais rentável. Tranquilizavam também o proprietário, que as ouvia, garantindo que os seus escravos estavam sob



Robert Johnson (1911-1938)

controle, no devido lugar.

MUGGIATI, Roberto. Blues - da lama à fama.

O Blues teve um filho e deu a ele o nome de Rock and Roll. Sou um dos pais da criança e não posso me afastar dela. Sempre vai existir lugar para o autêntico Rock and Roll.

Little Richard.

E não é que a criança cresceu e apareceu?

Agora um senhor de quase 70 anos, o Rock continua a encantar e dividir opiniões.

Na infância e na adolescência, viveu uma relação conturbada com a sociedade, sendo chutado por muitos, aclamado por outros tantos, massacrado por algumas religiões, estudado por historiadores, abocanhado pela moda.... Chegou a ser dado por morto várias vezes, mas, tal qual outra lenda, a Fênix, sempre ressurgiu das próprias cinzas.

Os mais sábios dizem que o Rock é um estado de espírito: a opção pelo forte, ao invés do suave, da atitude, ao invés do comodismo. Mas, sempre, com a pulsação baixo-bateria lembrando a do coração.

Nos primórdios, o Rock foi a melhor resposta, senão a única, que a juventude encontrou para o maluco mundo dos anos 1950.

Após a guerra que usou “a arma para acabar com todas as guerras”, o que se viu foi uma insana disputa ideológica entre duas potências, que, durante quase meio século, ameaçou o Planeta com a sombra da destruição total.

E foi aí que a criança começou suas traquinagens...

Desde seu nascimento, o Rock foi identificado como contra cultura, como marginal, como algo que não se encaixava no Status Quo (grande banda, por sinal), contestando tudo que representava o momento em que era produzido.

Seja contra as leis segregacionistas, contra a Guerra do Vietnã, ou, simplesmente, contra a sociedade de consumo, o Rock sempre esteve “do lado de lá”, seja lá qual fosse este lado.

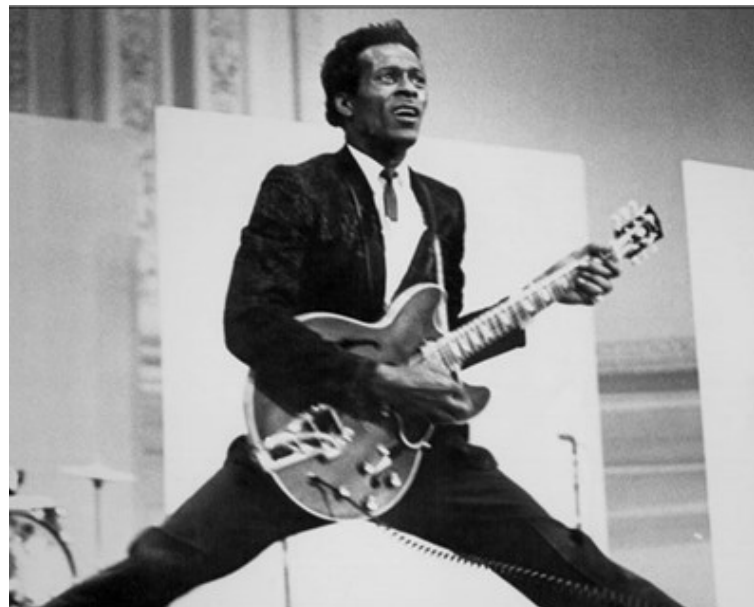
Seria impossível fazer uma relação de todos os estilos e sub estilos descendentes dos Blues e que são chamados de Rock.

Mas uma coisa é certa: independentemente do nome ou da época na qual surgiu, o Rock tem uma grande participação nas aulas de História, seja no Brasil ou no resto do mundo. Às vezes com críticas mais carrancudas e contundentes, noutras, com muito bom humor e ironia, o Rock continua a contar e a cantar a evolução (às vezes involução) do tal do ser humano.

Em 1985, já na idade adulta e tendo passado por várias mudanças e adaptações, o Rock ganhou



Little Richard (1932-2020)



Chuck Berry (1926-2017)



Queen

visibilidade (pelo menos para o grande público, já que para o underground ele nunca deixou de ser visível) com um festival transmitido para, pelo menos, 100 países e assistido por, aproximadamente, 2 bilhões de pessoas: o Live Aid, no dia 13 de julho daquele ano, que teve o objetivo de arrecadar fundos para o combate à fome na Etiópia (olha o adulto também engajado em causas sociais!!).

Simultaneamente, shows foram realizados no Wembley Stadium, em Londres, e no John F. Kennedy Stadium, na Filadélfia, EUA. Alguns artistas também se apresentaram na Austrália, na Rússia e no Japão.

O Live Aid continua a ser uma das maiores transmissões em larga escala por satélite e televisão de todos os tempos.

Alguns artistas que participaram do evento: Queen, U2, The Who, Led Zeppelin, Black Sabbath, Dire Straits, David Bowie, Paul McCartney, Eric Clapton, Elton John, Mick Jagger, B. B. King e Phil Collins, que sugeriu transformar o dia 13 de julho no Dia Mundial do Rock. Ninguém levou Phil a sério... A NÃO SER O BRASIL!!!

À época, duas rádios especializadas em Rock, as paulistanas 89 FM e 97 FM, ficaram tão impressionadas com a abrangência do evento que decidiram aceitar a proposta de Phil Collins e, desde então, o Brasil é o único país (que se tem conhecimento, pelo menos) a celebrar o Dia Mundial do Rock, provando o quanto somos diferenciados!

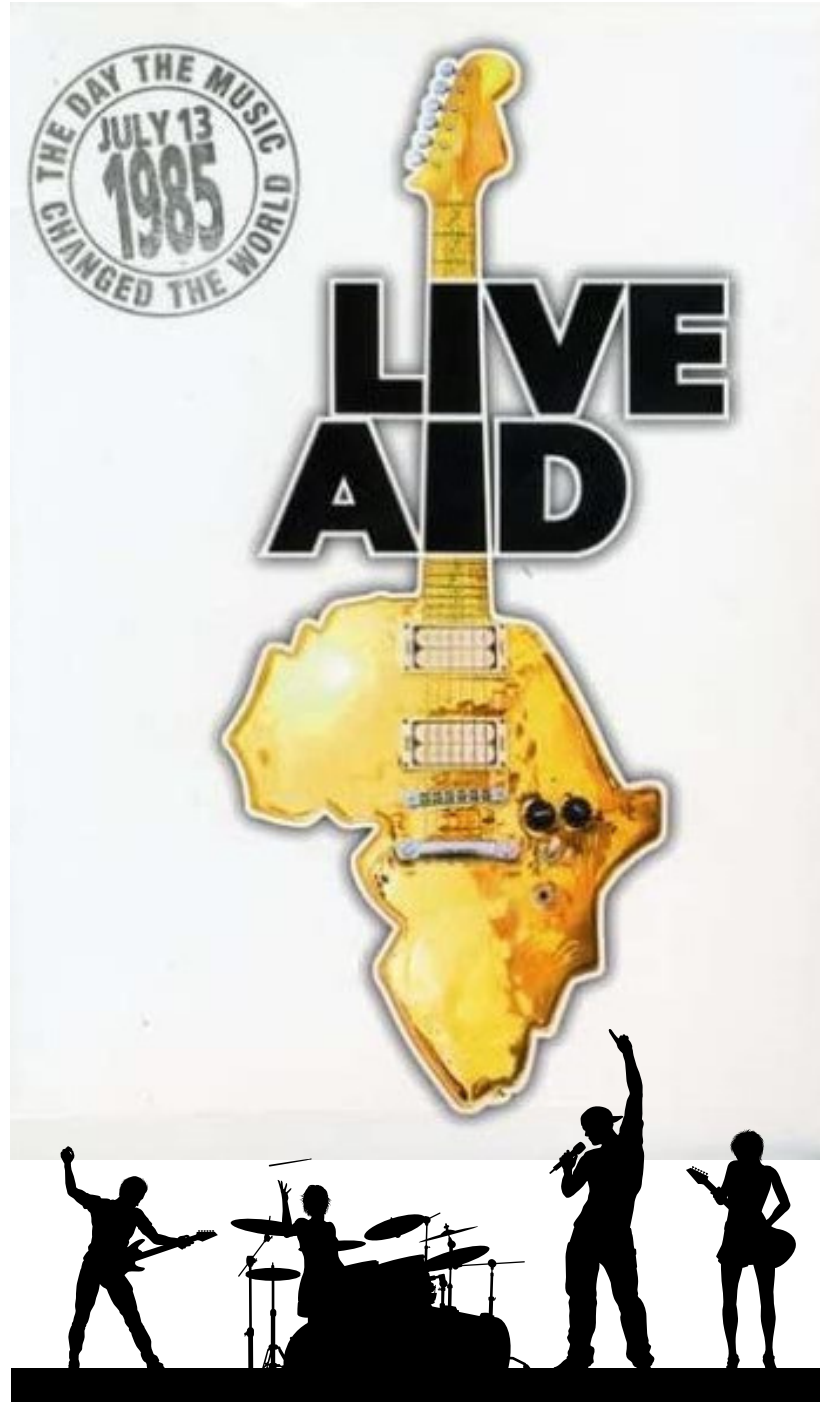




FOTO: ADOLFO LEMBO



ENTREVISTA COM GERSON CONRAD

ex-integrante do Secos & Molhados

POR PROFESSOR JULIO, BRUNO MARCHEZIN, DANIEL ALMEIDA E JOÃO PEDRO RODRIGUES

Para esta edição, contamos com uma entrevista exclusiva com Gerson Conrad, ex-integrante do grupo Secos & Molhados, que lançou seu primeiro álbum em 1973. Na foto ao lado, temos Gerson Conrad ao lado de João Ricardo e Ney Matogrosso – Secos & Molhados, anos 1970. Conheça, a seguir, um pouco mais sobre a história de Gerson Conrad e dos Secos & Molhados.

GP - Como vocês faziam para passar as letras pelo sistema de censura da ditadura?

GC - Ludibriar a censura no auge da ditadura militar era uma missão quase impossível. Contudo, ter letras aprovadas era mais uma questão de sorte. Ocorre que os "censores" não eram muito perspicazes e não seguiam critérios. Se o conteúdo literário não fosse explícito, muitas vezes letras com conteúdo politizado passavam despercebidas.

Às vezes, censuravam uma única palavra de uma letra ou poesia, parecendo que não entendiam as letras ou poemas.

Por exemplo: A minha composição, com letra de Paulinho Mendonça, gravada em 1981, chamada Amor-Amor teve veto da censura de uma única frase.

Dizia a letra original:

Amor, amor essa tristeza, é uma cadela no cio.

Tivemos que substituir por:

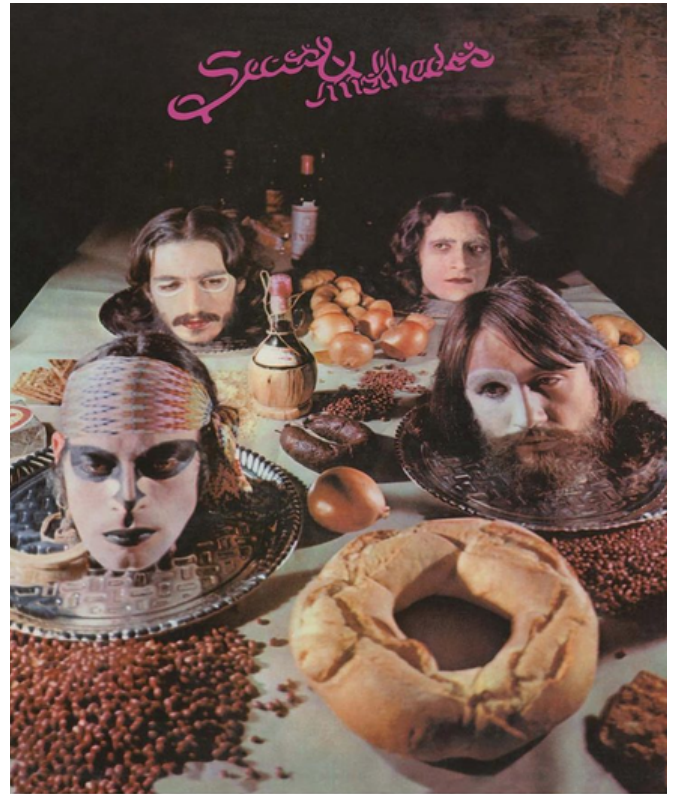
Amor, amor essa tristeza, é um "cachorro vadio", porque alegaram que "cadela no cio" era ofensivo aos padrões de moralidade da tradicional família brasileira.

GP - Quais eram as dificuldades de tocar durante a ditadura?

GC - Ter composições aprovadas nem sempre era aval para performances ao vivo. Como não era um sistema válido de censura para todo território nacional, muitas vezes os artistas tinham que apresentar seus shows para um censor em cada estado ou cidade. Um espetáculo aprovado em São Paulo, por exemplo, podia não ser liberado no Rio de Janeiro, Salvador ou Porto Alegre.

GP - Quais mudanças seu estilo musical sofreu? Por exemplo, qual a principal diferença da música que você fazia da época da ditadura para hoje?

GC - Não houve mudanças de estilo musical por conta da censura. A diferença está na liberdade de expressão de cada obra em relação à época em que foi criada.





POR PROFESSOR JULIO

Não era fácil pensar em Rock and Roll no Brasil dos anos 1950...

Na terra do Samba e do Carnaval, aquela barulheira e aquelas danças estranhas, parecendo que os praticantes estavam tendo algum tipo de ataque, parecia que não teriam espaço.

Porém, em 1955, Nora Ney gravou uma versão de Rock Around The Clock, de Bill Haley & His Comets, que já era sucesso nos Estados Unidos, abrindo espaço para o que viria a seguir.

Outros ícones da música popular brasileira, como Cauby Peixoto, Roberto Carlos, Jorge Ben, entre outros, também tiveram sua participação nos primórdios do Rock Tupiniquim.

Durante os anos 1960...

...a Jovem Guarda mostrou ao país clássicos do Rock em versões cantadas em português, com um grande destaque para sucessos dos britânicos The Beatles, mas com uma identidade bastante própria.

Os anos 1970 nos apresentaram ...

...Rita Lee e Raul Seixas, em carreiras solas, mudando quase tudo o que se tinha falado de Rock até então no Brasil.

De quebra, o movimento punk surgia no centro de São Paulo, antes do aparecimento da cena de

Nova Iorque e Londres, sem saber que se chamaria isso.

Além disto, o cenário longe dos grandes meios de comunicação crescia de forma assustadora: Made in Brazil, Patrulha do Espaço, O Terço, Casa das Máquinas, Stress, Bixo da Seda, A Barca do Sol, dentre outros, faziam um som menos "consumível", mas com uma qualidade que os transformou em verdadeiras lendas da música.

Mas aí chegaram os anos 1980!

Se na política vivíamos o processo de reabertura e na economia passávamos por uma das piores crises de nossa história, o Rock chegava ao status de celebridade, com o aparecimento de um número incontável de bandas e com um grande espaço na mídia, sendo batizado de Brock. Programas de TV, rádios, jornais e revistas levaram o Rock aos píncaros da glória.

Titãs, Os Paralamas do Sucesso, Ira!, Barão Vermelho, Biquini Cavado, R.P.M., Ultraje a Rigor, Legião Urbana, Lobão, entre centenas de outros nomes (alguns que sobreviveram e continuam por aí e outros de que nunca mais se ouviu falar), alçaram o Brock a uma altura até então impensável.

A ERA DOS FESTIVAIS

POR PROFESSOR JULIO

A partir dos anos de 1960, o mundo entra em uma fase de realização de grandes festivais.

Reunir centenas de milhares de pessoas em um mesmo espaço, berrando por Paz, Amor e Rock and Roll, era algo definitivamente contestador, principalmente na segunda metade da década.

A partir dos anos 1980, com a popularização do(s) estilo(s), os festivais ganharam status de mega eventos, com patrocínios milionários e preços exorbitantes, retirando aquela faceta original de ser “coisa de marginal”, de ser “contra a sociedade de consumo”.

Alguns destes eventos se tornaram lendários, exatamente por reunir um público gigantesco em momentos de graves crises e/ou grandes mudanças políticas, sociais e culturais.

Veja à seguir, alguns dos mais importantes, no Brasil e no mundo.

Fantasy Fair and Magic Mountain Music Festival (Mount Tamalpais, California, EUA, 10 e 11 de junho de 1967) – Primeiro festival de Rock do mundo, reuniu cerca de 4 mil espectadores.

Monterey Pop Festival (Monterey, Califórnia, EUA, 16 a 18 de junho de 1967) - Realizado apenas uma semana depois do Fantasy Fair, é o primeiro grande festival de Rock do mundo, tendo reunido cerca de 200 mil pessoas em seus 3 dias de eventos. Os dois festivais, combinados, serviram para criar a imagem da Califórnia como foco da contracultura.

The Isle of Wight Festival (Ilha de Wight, Inglaterra) – Realizado originalmente entre 1968 e 1970, foi retomado em 2002 e não parou mais,

tendo acontecido, inclusive, em 2020. O maior público esteve presente na edição de 1970, tendo reunido, provavelmente, algo entre 600 e 700 mil pessoas (apesar dos organizadores afirmarem que não passou de 400 mil...)

Woodstock Music & Art Fair (Bethel, Nova Iorque, EUA, 15 a 17 de agosto de 1969) – O mais icônico festival de todos os tempos. Estima-se que cerca de 400 mil pessoas estiveram presentes nos 3 dias do evento (quase 4, já que só se encerrou na manhã da segunda-feira, dia 18). Em 1994, na celebração dos 25 anos do festival, 250 mil pessoas se reuniram no Woodstock'94. Em 1999, na comemoração dos 30 anos, a reputação de “Festival da Paz e do Amor” foi destruída, devido à violência e tumultos supostamente incentivados por algumas bandas que se apresentaram.

Festival de Águas Claras (Iacanga, SP, Brasil) – Com quatro edições realizadas em 1975, 1981, 1983 e 1984, o festival ficou conhecido como “Woodstock brasileiro”, e reuniu uma média de 20 mil pessoas em cada uma delas. Como foi realizado no interior, a repressão, comum a grandes eventos, foi menor, o que permitiu esse público significativo.



O Começo do Fim do Mundo

(São Paulo, SP, 27 e 28 de novembro de 1982) – Considerado o primeiro festival do mundo a contar, exclusivamente, com bandas de punk rock, reuniu cerca de 3 mil pessoas. No segundo dia do evento, houve uma invasão das forças de segurança da cidade, em busca de documentos que criticavam os governos da época. O resultado foi um conflito generalizado, que terminou com dezenas de feridos e com a prisão de outras dezenas de pessoas.



Rock in Rio – Realizado pela primeira vez em 1985, no Rio de Janeiro, a partir de 2004 ganhou o Planeta e, atualmente, é considerado o maior festival em realização no mundo. O festival já teve 20 edições no Brasil, oito em Portugal, três na Espanha e uma nos Estados Unidos.

Mas nenhuma edição pode ser comparada à primeira, se pensarmos no momento no qual foi realizada.

O festival aconteceu entre os dias 11 e 20 de janeiro de 1985 e guardava algumas surpresas para seu quinto dia.

Como se não fossem suficientes as apresentações de AC/DC, Scorpions, Barão Vermelho, Eduardo Dusek e Kid Abelha & Os Abóboras Selvagens, o dia 15 de janeiro de 1985 foi marcado pela eleição de Tancredo Neves para a presidência da República, encerrando os 21 anos de governos militares.

Em seus inacreditáveis 10 dias, o Rock in Rio recebeu cerca de 1,5 milhão de pessoas em um terreno de 250 mil metros quadrados (que após o evento teve sua posse reintegrada pelo governo do Estado e a demolição da Cidade do Rock, construída especialmente para o festival, que contava com dois imensos fast foods, dois shopping centers com 50 lojas e dois centros de atendimento médico) e teve o maior palco já construído no mundo, até então: 5 mil metros quadrados de área!

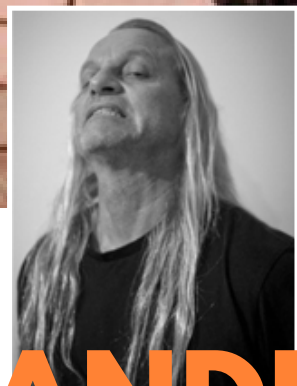
Nas palavras de Ricardo Alexandre, autor do livro

Dias de Luta: O Rock e o Brasil dos anos 80:

“O rock era a trilha sonora da abertura democrática e o Rock in Rio amplificava seu som em 150 mil watts”.

Depoimento de Cláudio Henrique Mendonça, joseense, advogado, 55 anos, pai da Isabela Garibaldi, aluna do segundo ano do Ensino Médio, sobre sua ida ao Rock in Rio.

O ano era 1985 e o dia 11 de janeiro, sexta-feira, abertura do primeiro Rock in Rio. Eu tinha 19 anos e era um “caipira” de São José dos Campos. Só havia ido ao Rio uma única vez, com meus pais e irmãos, aos 10 anos de idade. A euforia sobre o evento começara no anúncio, alguns meses antes. E eu não imaginava ir. Era época da “Diretas Já”. Apesar da abertura política em curso, muito bem-vinda, economicamente lembro que o Brasil estava péssimo. Eu não tinha dinheiro para o ingresso, que já era caro, e muito menos para a viagem e estadia. Mas eu tenho um grande Amigo, o Leopoldo Weiss, com quem havia estudado no Instituto São José. No dia anterior ele me procurou. Disse que tinha um ingresso sobrando e me convidou. Entre nós era o único que tinha carro, então o deslocamento até o Rio estava garantido, e que ficaríamos hospedados no apartamento de uma Tia dele. Viajamos na sexta pela manhã e para mim foi tudo novidade e deslumbramento, com a beleza do Rio, com a grandiosidade da Cidade do Rock, a quantidade de gente alegre, e as apresentações no maior palco do mundo até então. Tudo era novidade. Foram 300 mil pessoas aos shows naquela noite. A abertura foi do Ney Matogrosso, que eu já gostava desde o “Secos & Molhados”. Em seguida o Erasmo Carlos, Baby Consuelo e Pepeu Gomes, que eu não curtia, e depois as bandas Whitesnake, o Iron Maiden e o Queen, que dispensam comentários. Lembro também que choveu bastante e virou um lamaçal, mas não atrapalhou em nada a festa. Era dia quando fui direto para a rodoviária. Voltei de ônibus para SJC, feliz da vida, da mesma maneira como me sinto agora, relembrando essa viagem. Gratidão eterna pela experiência!


ENTREVISTA COM

ANDRÉ ROD

da banda de Thrash Metal Attomica
POR PROFESSOR JULIO

Nesta edição, temos outra entrevista com um grande nome do Rock Nacional, desta vez contamos com a presença de André Rod, um dos fundadores da banda de Thrash Metal Attomica, formada em São José dos Campos em 1985 e ainda em atividade. A lendária banda é uma das pioneiras do Metal nacional.

GP - Algum motivo especial para o nome da banda ser Attomica?

AR - Foi uma escolha entre dois outros nomes sugeridos. Um deles "Metafel", que era o nome da banda que antecedeu Attomica. Não houve uma razão específica, apenas uma escolha.

GP - Como era tocar Thrash Metal no Brasil, em plena década de 80, quando incontáveis bandas "pra tocar no rádio" pipocavam pelos 4 cantos do país?

AR - São lembranças de tempos difíceis, mas hoje, olhando para trás, vejo com muita gratidão ter feito parte do início dessa história, mesmo com tantas dificuldades. Muitas bandas promissoras ficaram para trás por falta de apoio. Tenho muito orgulho de ter vencido as barreiras e estar por aqui até hoje.

GP - Sabemos que, hoje em dia, as redes sociais e os serviços de streaming têm facilitado muito a divulgação

de novos trabalhos pelos próprios artistas. Além disso, que outros meios de divulgação vocês têm atualmente? Existe algum tipo de "mídia alternativa"?

AR - Sim. Esses mesmos veículos de divulgação abriram as portas para diversas Web Rádios que nos ajudam muito na divulgação de nosso trabalho. Um exemplo é o programa "Só Brasuca", pela Crazy Rock Web Rádio. Temos também as assessorias de imprensa, como a "Roadie Metal", que usam do mesmo veículo e da qual a banda Attomica faz parte do cast. Algumas poucas revistas do gênero ainda sobrevivem mundo afora no formato físico. No Brasil a revista "Roadie Crew" é uma delas. Há pouco tempo concedi uma entrevista para a segunda edição de um novo fanzine, no formato dos anos 80/90, "Entrando no Fogo Eterno zine". Foi uma volta ao passado.

GP - Você acha que o rock hoje em dia não é mais tão ouvido como era antigamente?

AR - No Brasil o rock nunca foi valorizado como acho que deveria ser. Eu e muitos adeptos do estilo continuamos a escutar o que gostamos com a mesma intensidade. Temos nossos meios. Acho que é só uma questão de ponto de vista.

GP - Quase 40 anos depois, você continua tocando Metal. Se você pudesse voltar para o início dos anos 80 e começar tudo de novo, o que faria diferente?

AR - Se pudesse voltar com o conhecimento que tenho hoje, contrataria um bom gestor, com visão empreendedora, para gerenciar a carreira da banda. Com certeza o caminho seria mais curto e menos doloroso.



INTERNATIONAL CORNER



by

PLANCK INTERNACIONAL

DO YOU KNOW THE HISTORY OF THE SONG 'WE ARE THE CHAMPIONS'?

The Queen's song, first recorded in 1977, is perhaps the most sung anthem in a time of sporting triumph. But do you know its genesis?

The song, written by Freddie Mercury, was born at a time when Queen were already a band of global dimension and, given the need to have anthems to present in front of large audiences, it responded to the desire to have a song that would work in a dialogue game of answers, between the stage and the audience. A hymn that invites participation, without any major difficulties.

Freddie Mercury thought about the world of football when he composed it. "Thus, I tried to find a song that would unite those on the field with the fans in the stands, responding to the demand for question and answer games". He himself later explained that he ended up giving the theme a more theatrical dimension than would be usual in a football stadium. The lyrics made it clear that victory was not an easy thing to achieve, so the celebration song would sound like a mission accomplished afterwards.

In 2011, a study by Goldsmiths University named "We Are The Champions" as the "catchiest" song ever. And in hours of triumph, it is usually in "Queen", and in this song, that the champions get their soundtrack.

Adapted from: blitz.pt

I've paid my dues
 Time after time
 I've done my sentence
 But committed no crime
 And bad mistakes
 I've made a few
 I've had my share of sand
 Kicked in my face
 But I've come through
 And we mean to go on and on and on
 and on
 We are the champions, my friends
 And we'll keep on fighting till the end
 We are the champions
 We are the champions
 No time for losers
 'Cause we are the champions of the
 World
 I've taken my bows
 And my curtain calls
 You brought me fame and fortune
 And everything that goes with it
 I thank you all
 But it's been no bed of roses
 No pleasure cruise
 I consider it a challenge before
 The human race
 And I ain't gonna lose
 And we mean to go on and on and on
 and on
 We are the champions, my friends
 And we'll keep on fighting till the end
 We are the champions
 We are the champions
 No time for losers
 'Cause we are the champions of the
 World
 We are the champions, my friends
 And we'll keep on fighting till the end
 We are the champions
 We are the champions
 No time for losers
 'Cause we are the champions of the
 World

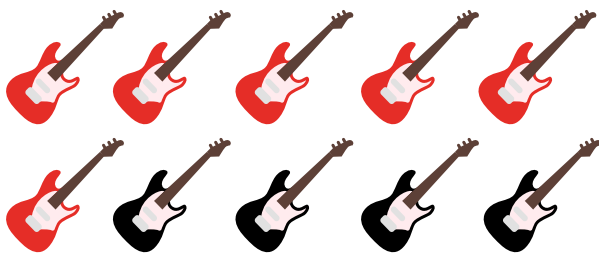
Eu paguei minhas dívidas
 De novo e de novo
 Eu cumpri minha sentença
 Mas não cometi nenhum crime
 E erros graves
 Eu cometi alguns
 Eu tive minha porção de areia atirada
 sobre o meu rosto
 Mas eu sobrevivi
 E nós pretendemos continuar e
 continuar e continuar
 Nós somos os campeões, meus amigos
 E nós continuaremos lutando até o fim
 Nós somos os campeões
 Nós somos os campeões
 Os perdedores não têm vez
 Pois nós somos os campeões do
 mundo
 Eu fiz minhas reverências
 E meus agradecimentos
 Vocês me trouxeram fama e fortuna
 E tudo o que isso traz
 Eu agradeço à todos vocês
 Mas isto não tem sido nenhum mar de
 rosas
 Nenhum cruzeiro prazeroso
 Eu considero isso um desafio diante
 de toda a raça humana
 E não irei fracassar
 E nós pretendemos continuar e
 continuar e continuar
 Nós somos os campeões, meus amigos
 E nós continuaremos lutando até o fim
 Nós somos os campeões
 Nós somos os campeões
 Os perdedores não têm vez
 Pois nós somos os campeões do
 mundo
 Nós somos os campeões, meus amigos
 E nós continuaremos lutando até o fim
 Nós somos os campeões
 Nós somos os campeões
 Os perdedores não têm vez
 Pois nós somos os campeões



TOCA RAUL!

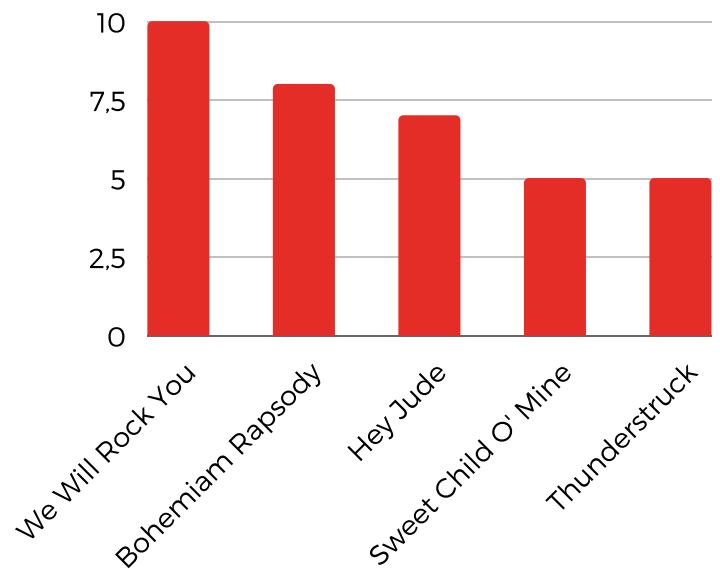
O grito acima, é o incansável pedido em show de rock nacional, virou quase um hino de duas palavras!

Esta foi a nossa inspiração para conhecer um pouco sobre o que os nossos estudantes do Ensino Fundamental sabem e escutam do mundo do Rock and Roll.

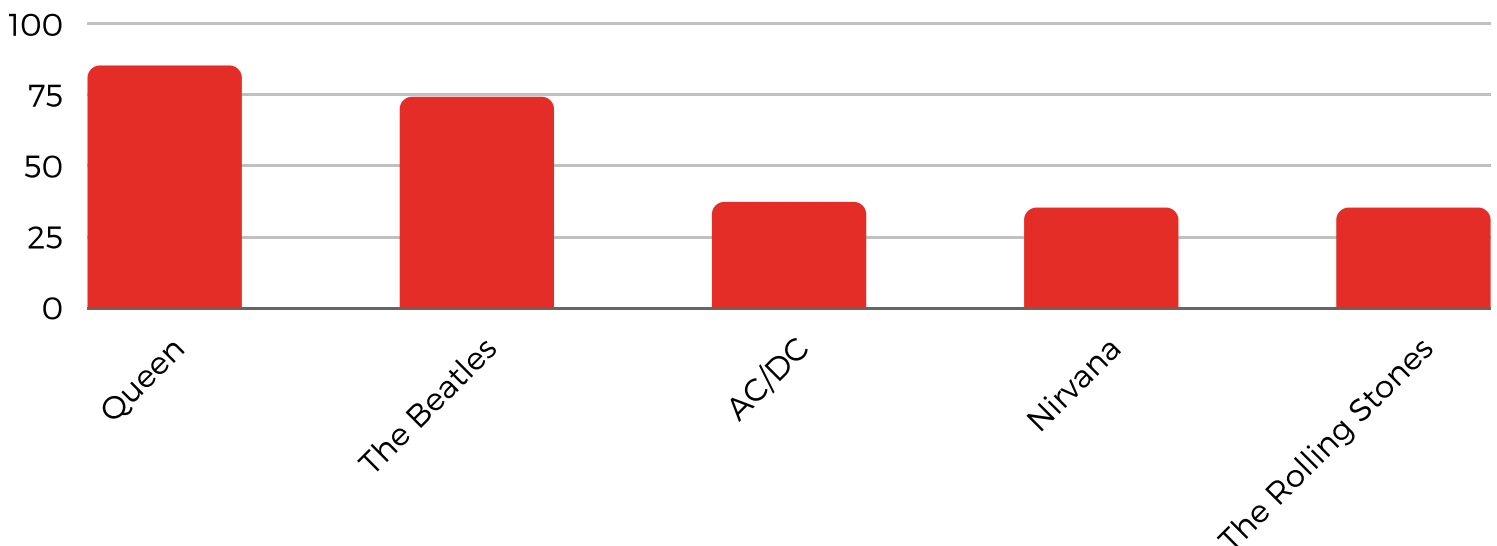


6 em cada 10 estudantes entrevistados do Ensino Fundamental gostam de Rock

Confira as músicas de Rock mais ouvidas por eles.



Confira as bandas de rock preferidas pelos nossos estudantes





PALAVRA COM OS PROFESSORES



NÚCLEO PLANCK
DE ARTES



MÚSJCA

Nas próximas páginas iremos conhecer um pouco mais sobre os nossos professores que comandam as atividades extracurriculares de música no Planck!



POR DAVI SPINARDI, JESSICA ARASHIRO, JOÃO PICELI, LIVIA BARCIELLA, MARIA FERNANDA BRANDÃO E MEL FRUTOS.



Professor Fernando

Professor de Bateria

GP - Qual sua trajetória até chegar ao Colégio Planck?

FO - Comecei aos 14 anos na música tocando na igreja onde frequentava. Depois de alguns anos, me interessei mais pelo instrumento e resolvi encarar a profissão de músico. Estudei com professores da cidade de São Paulo, depois me formei em faculdade de música. Atuo na noite paulistana desde meus 20 anos de idade e atualmente com minha banda Red Stock. Comecei cedo a lecionar em uma escola aqui da cidade. Há 13 anos tenho a minha própria escola de música chamada Tribos onde leciona e coordena os cursos de música.

GP - Quem é sua inspiração na música?

FO - Citando bandas, tenho algumas inspirações como Journey, Rush, Mr Big, entre outras.

Bateristas cito Dave Weckl, Neil Peart, Mike Portnoy, Buddy Rich, e a lista é imensa rs...

GP - Qual sua música preferida (Rock)?

FO - Puxa, pergunta difícil, pois algumas me marcam pela letra, outras pela composição, outras pela complexidade técnica.

Mas vou sugerir uma bacana para o dia do rock: don't stop me now, do Queen

GP - Como começou a sua carreira como professor de música?

FO - Comecei profissionalmente na música sem ter me planejado para isso. Eu me desenvolvi bastante com meu professor e ele me colocou para dar umas aulas para alunos iniciantes, pois ele não tinha mais horários disponíveis e acreditava em mim, na minha capacidade e seriedade para passar os conhecimentos que tinha. Costumo dizer que não escolhi ser músico, a música me escolheu.

GP - Tem alguma mensagem para passar para os alunos nesse dia do rock?

FO - Minha mensagem é para o dia do rock mas também para os outros estilos musicais.

Estudem música. Sempre!

GP - Qual seu sonho na música?

FO - Ainda vivo no mundo cover, tocando canções de outros artistas. Meu sonho é poder viver da minha própria arte, das minhas próprias composições. E também ver nosso país dando mais valor à todos os tipos de arte.

GP - Como são as aulas de bateria?

FO - No Planck, como são aulas em grupo, passo a essência e primeira função da bateria, que é ritmo, ser base para a banda ou cantor. Com os alunos intermediários e avançados, as aulas passam a ser mais técnicas e focadas em uma maior virtuosidade do instrumento. Sempre aliando exercícios e repertório, os alunos precisam ter experiências com as músicas e estilos musicais.





VITOR FERNANDES

PROFESSOR DE TECLADO



GP - Quem é o professor Victor?

VF - Sou um músico atuante há 12 anos como tecladista, pianista e às vezes também sendo backing vocal. Atuo não somente tocando, mas também dando aulas e gravando.

GP - Quando começou a aprender teclado?

VF - Comecei a aprender desde os meus 7 anos, com minha própria mãe, que fez conservatório... Com ela aprendi os primeiros passos, ler partitura e um pouco de música erudita.

Dos 12 aos 15 anos comecei a aprender teclado popular, para fim de começar a tocar na igreja. Desde que comecei a tocar na igreja na adolescência, nunca mais parei de me envolver com a música. Apesar de ficar um tempo sem fazer aulas, o aprendizado continuou. Com 18 anos comecei a dar aulas, tocar em cerimônias de casamento e aos poucos fui construindo e consolidando minha carreira como músico.

GP - Quanto tempo leva para aprender a tocar teclado?

VF - Depende muito do aluno. Não só da dedicação, mas também da facilidade em que ele assimila a teoria e a prática do instrumento. Eu gosto de usar o exemplo da música Imagine do John Lennon, que é uma música bonita e fácil, pois tem aluno que aprende a tocá-la com 3 meses de aula, e outros que demoram até 1 ano.

Todos conseguem aprender, mas a curva de aprendizado é diferente para cada um.

GP - Qual a importância do teclado no rock?

VF - O rock é o estilo musical em que quem mais brilha geralmente, é o guitarrista. O teclado, nesse estilo é muito importante para fazer base. O som do piano é muito marcante em músicas de algumas bandas e artistas, como Queen, Elton John, Paul McCartney. Em sons de banda como Deep Purple, Pink Floyd e Rush, por exemplo, o som do órgão Hammond é fundamental. E há ainda os sintetizadores, que brilham em várias músicas, como: The final countdown - Europe, Take on me - a-Ha, entre outras...

O rock tem muitas vertentes, então a linguagem do teclado pra esse estilo pode variar bastante.



GP - Tem alguma mensagem para passar aos seus alunos sobre o dia mundial do rock?

VF - Deêm valor à história da música, ao rock, à música tocada e expressada em conjunto! Cada vez mais a tecnologia tem entrado e até substituído o fator humano na produção da música moderna, e isso é muito bom em vários aspectos, mas é muito importante que não se perca o valor da criatividade e expressão que só é possível chegar pela capacidade humana, e do valor de poder se juntar com outras pessoas, conversar, aprender junto, harmonizar e compartilhar ideias ao tocar em conjunto.



Leandro Morishita

Professor de
violão

GP - Porque você quis ser professor de música?

LM - As primeiras aulas que ministrei foram por volta dos 12 anos, eu dava aulas de bateria. Ser professor de música sempre foi uma forma de trabalhar com o que gosto, desde os 12 anos, então quando me tornei adulto, eu decidi trilhar por este caminho.

GP - O que você mais gosta na música ?

LM - O que mais gosto na música são as infinitas possibilidades de composições, fazer músicas com vários instrumentos ou apenas com uma voz, isso é simplesmente fascinante!

GP - Conte sua trajetória até chegar ao Planck.

LM - Como disse anteriormente, minhas primeiras aulas foram aos 12 anos, mas foi por volta dos 21 anos que me tornei professor de fato. Eu dava aulas de bateria, violão, guitarra e baixo em escolas de música e particular também, eu conciliava as aulas com a faculdade de música que eu fazia em São Paulo. Aos 26 tive a oportunidade de dar aula de Educação Musical em um colégio daqui da cidade, a partir daí dediquei somente em lecionar nos colégios. Em 2020, tive a honra de entrar para o time Planck! Vale ressaltar que durante todo este tempo, além das aulas, eu tocava em igrejas, fiz casamentos, tive bandas, fiz shows com minha banda em vários lugares também, de dia o Leandro professor, de noite o Leandro músico!

GP - Qual a importância da aula de música para os estudantes ?

LM - A aula de música é importante em vários aspectos. O estudante pode aprender a trabalhar em equipe, porque sempre estamos tocando em conjunto, um depende do outro para atingir o objetivo da atividade. É possível desenvolver um lado que talvez o estudante nunca

praticou, como a coordenação motora, rítmica, apreciação musical (reconhecer instrumentos musicais em uma música, ritmo, harmonia e dinâmica), respiração (quando o assunto é canto), postura, concentração, memória, persistência e outras coisas mais. Não podemos esquecer de que a aula de música agrega no seu conhecimento cultural também. Claro, a música não causa esse efeito com mágica, o estudante precisa participar!

GP - Qual a importância do violão e da guitarra no rock ?

LM - Quando temos violão no rock, geralmente ele participa mais no acompanhamento, fazendo acordes, participando da "base" da música. A guitarra no rock tem seu momento de coadjuvante e de protagonista também, ela pode fazer o acompanhamento com acordes ou "brilhar" com riffs e solos marcantes além de efeitos sonoros, deixando a música única e inesquecível.

GP - Qual banda de rock você mais gosta ?

LM - Gosto de cinco bandas atualmente, é difícil ter só uma como preferida! As nacionais são Pense, Supercombo e List (a minha banda), e as internacionais são Thrice e Silent Planet.

GP - Quem é sua inspiração na música ?

LM - Eu tenho vários músicos como referência na minha carreira, mas minha inspiração são meus professores, eu ficava admirado em vê-los tocar e com o conhecimento que eles tinham sobre música.





Napoletano Rock 'n' Roll

Bem que a Rita Lee já tinha nos alertado sobre este tal de Roque Enrow. O Rock and Roll conquistou uma legião de fãs e extrapolou os limites dos gêneros musicais se tornando parte do mundo do cinema. Venha conferir um pouco mais sobre o mundo do Rock&Roll nas produções cinematográficas.

POR ANDREI GUERRA

ROCK & MOVIE

12 de Novembro de 1955. Baile Encanto Submarino, Hill Valley, Estados Unidos. Um jovem, identificado apenas como Calvin Klein, toca pela primeira vez um dos futuros clássicos do Rock, Johnny B. Goode, eternizada posteriormente por Chuck Berry. Perante uma reação desastrosa, afirma: “Vocês não estão prontos para isso... Mas

seus filhos vão adorar.” E inicia-se a história do mais importante gênero musical do século 20.

Espere.

Isso é “De Volta Para o Futuro”.

Na realidade, o Rock ‘n’ Roll tem uma história com muito mais nuances e tensões desde sua origem. A raiz está na música afro-americana: Jazz, Gospel, Blues e Folclórica. Após o fim da escravidão no sul dos Estados Unidos, houve um êxodo rural: os ex-escravizados passaram a se localizar nas cidades. Lá, houve um choque cultural com a música branca, que tinha como predomínio o Country.

Mas foi apenas na década de 50 que Chuck Berry criou o modelo que marcaria a geração eternamente. O Pai do Rock já praticava os solos de guitarra, as letras joviais, e o movimento corporal no palco. Mas, talvez, a maior contribuição de Berry tenha sido a atitude rebelde, que tornou-se a maior necessidade

de qualquer astro que seguiria seus passos. Nessa época, bombaram nomes como Fats Domino, Little Richard, Jerry Lee Lewis e Elvis Presley.

Desde então, muitas recontextualizações e implementações estéticas ocorreram. O tema passou a duras críticas a qualquer tipo de opressão que houvesse no mundo. A música passou de jovial a carregada de apreensão pela intensificação das disputas da Guerra Fria. Depois, se diversificou nos mais variados movimentos: Grunge, Metal, Progressivo...

Já no universo do cinema, o Rock foi uma necessidade. E não apenas como trilhas sonoras.

Várias estrelas que tiveram sucesso no palco emplacaram longas. Os Beatles tiveram "Os Reis do lê-lê-lê". Prince teve "Purple Rain". Mas talvez o maior exemplo seja o Rei, Elvis, com mais de 40 créditos em produções cinematográficas.

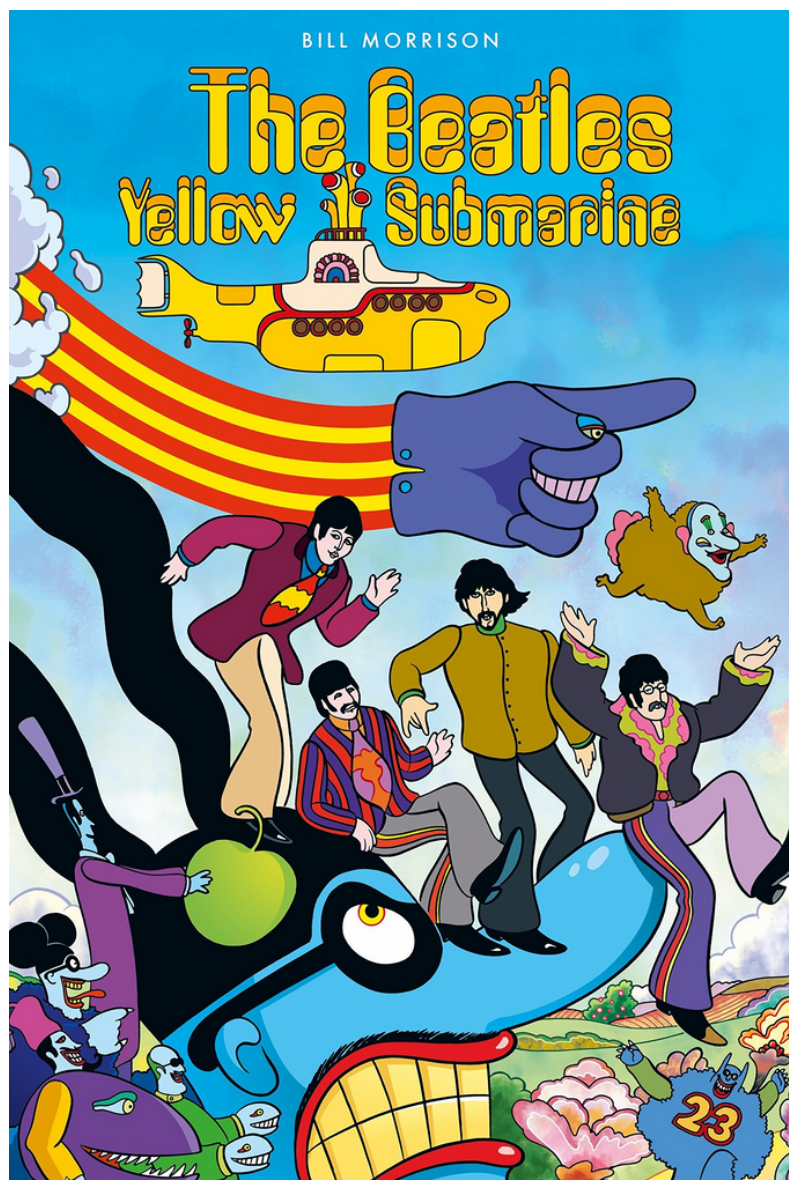
Mas outro impacto também ocorreu: os movimentos e os traços visuais representados pelo gênero tiveram um espaço dentro do meio. A estética Greaser, dos dias iniciais do rock, marcou os filmes adolescentes dos anos 50, como "Juventude Transviada". Já na alvorada da Nova Hollywood dos anos 70, filmes como "Sem Destino" e "Anjos Selvagens" colocavam na tela os ideais hippies de mudança e liberdade. E a própria paixão gerada pela música, que se conecta facilmente ao público - seja por sua leveza ou por sua preocupação - já foi tema de diversos longas, como "Escola do Rock" e "Isto É Spinal Tap".

Então... Bom, já usei For Those About To Rock da AC/DC como introdução no Dia dos Músicos. Acho que Joan Jett já deve dizer o bastante: Ponha outra moeda na Jukebox, baby.

SUBMARINO AMARELO

Protagonizada pela banda mais famosa da Inglaterra. A animação mais psicodélica da história do cinema. Todos nós vivemos em um... Yellow Submarine.

O longa é um veículo total dos ideais da contracultura. Os vilões, os icônicos "Blue Meanies" (Azuis Malvados) são uma representação da opressão e da guerra, vivendo com um propósito: calar toda a música e espalhar a tristeza. Enquanto os Beatles - e



a banda do Sargento Pepper - representam a liberdade e a paz, trazendo canções e cores por onde passam.

Na animação em si, os movimentos são suaves. Mas o mais memorável com certeza é a paleta exuberante, que proporciona grandes contrastes e sublimes misturas de cores na tela. Os cenários psicodélicos são beneficiados em grande escala por esses tons vívidos: as criaturas e os diversos oceanos parecem ter saído diretamente de uma colagem dadaísta, ou de uma pintura surrealista.

A trilha sonora (e os números musicais animados) são fenomenais. Em especial: Eleanor Rigby, que transforma totalmente a cenografia do filme para a música melancólica; Hey, Bulldog!, que conta com uma hilária cena de ação envolvendo um piano; e All You Need Is Love, com a icônica canção assumindo um papel de resistência ao conflito. Claro, a titular Yellow Submarine está presente em uma divertida

montagem nos créditos de abertura.

Os diálogos são feitos de forma a oscilar entre existencialista e cômico. Com a primeira característica, dão ao filme um tom vanguardista, mais uma vez trazendo influências surrealistas. Já com a segunda, utilizam a rápida sucessão de trocadilhos entre os personagens, com um completando ou auxiliando o jogo de palavras do outro. O estilo chega a ser bastante próximo às performances dos Irmãos Marx na década de 30.

Com esta obra é possível afirmar: está tudo no estilo. Cada quadro, cada acorde de guitarra e cada fala é puramente direcionada ao arquétipo do jovem da "Paz e Amor". Chegue para lá, Harley-Davidson Hydra Glide. O Submarino Amarelo é o veículo mais hippie de todos.



GREASE

“O clássico musical dos anos 70, à moda “fifties”. O responsável por ressuscitar uma era do cinema adolescente. O sinônimo do romance musical pós-Era-de-Ouro. Grease is the word!

A estética Rockabilly está enraizada firmemente no longa, em todos os aspectos. O figurino, contando com as jaquetas de couro e saias compridas; os penteados encharcados de gel; os carros e cenários, reluzentes e coloridos; e principalmente, as músicas e coreografias, que emulam os grandes performers da primeira fase do Rock.

John Travolta e Olivia Newton-John tinham uma ótima química, ao ponto das cenas românticas, quase insustentavelmente açucaradas, funcionarem de maneira eficaz. Mas em ambas as atuações, o que mais impressiona é, sem sombra de dúvida, a voz e o movimento corporal. Enquanto a cantora trabalha muito mais tranquilamente com a expressão e a emoção, o ator domina totalmente os números musicais através da dança.

E não se pode falar de Grease sem comentar essas cenas dedicadas ao Rock ‘n’ Roll. Além das músicas icônicas, são cheias de extravagância, movimentos intensos e coreografias bem organizadas. “You’re The One That I Want” pode ser a música que vem à memória primeiro, mas “Greased Lightning” é facilmente a sequência mais ousada, mais empolgante e mais esteticamente agradável do musical.

Graças ao poder eletrizante que o filme fornece com a música, performances e design de produção, a experiência de assisti-lo se torna estranhamente prazerosa. É automático. É sistemático. É hidramático. É um (brilhante) raio de brilhantina!

O RETORNO DE BRUNO

Existem muitos tipos de estrelas do Rock, com as mais variadas maneiras de se apresentar no palco. Desde roupas até movimentos corporais, cada um tem sua identidade e maneira de se expressar. Mas apesar de suas diferenças, todos têm uma coisa em comum: devem sua carreira a Bruno Radolini.

Essa é a proposta deste “mockumentary”, uma narrativa apresentada com a estrutura de um documentário. O longa conta a trajetória do “herói esquecido do Rock”, que inclui: apresentar Ringo Starr a George Harrison, essencialmente criando os Beatles; sugerir que o Woodstock fosse um festival aberto; orientar a banda Kiss a usar maquiagem e mesmo criar o subgênero psicodélico, e muito mais.

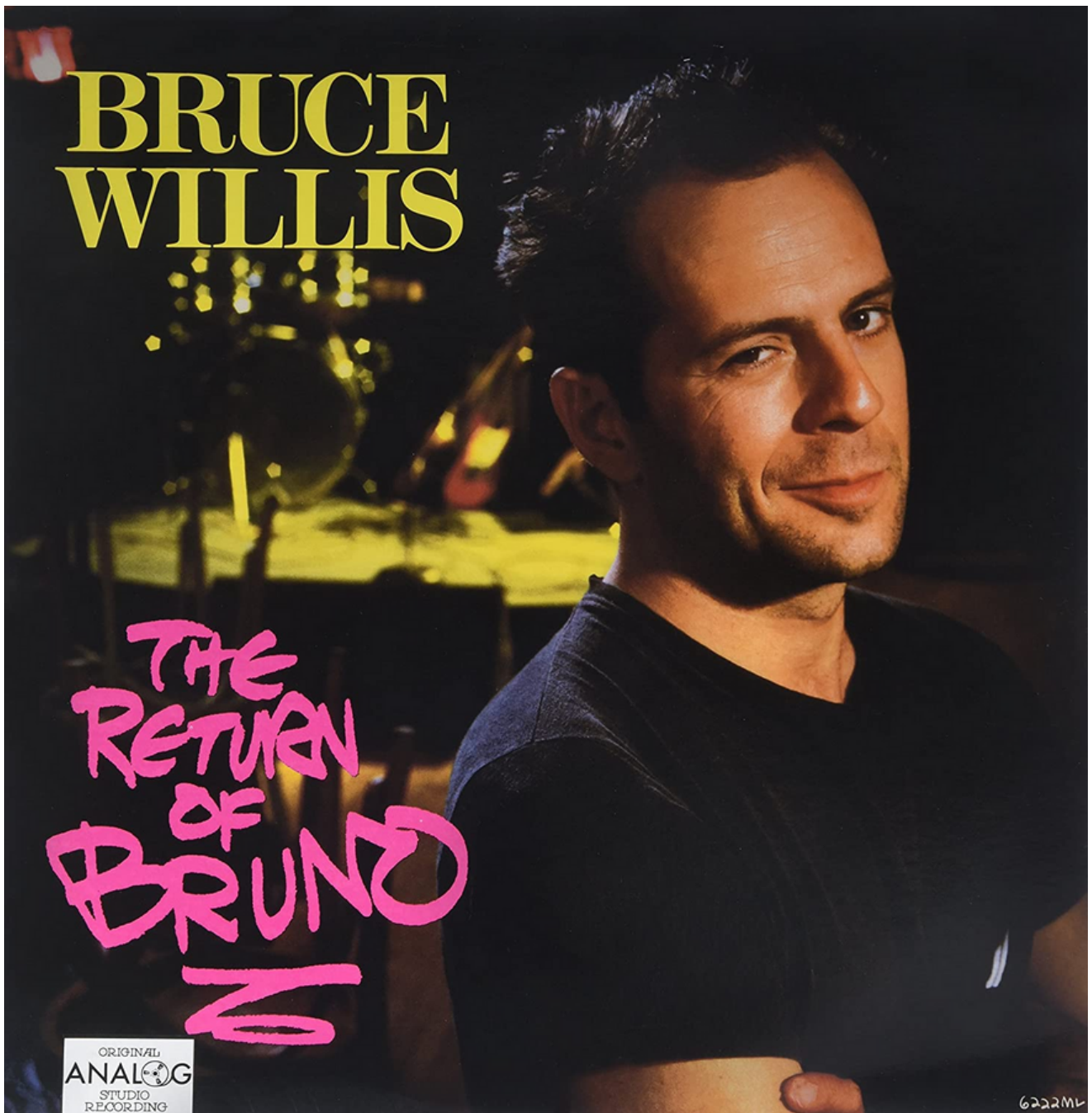
Entre Joan Baez e Jon Bon Jovi, muitas grandes personalidades da música entraram na brincadeira, dando entrevistas sobre a influência do lendário cantor fictício sobre suas carreiras. Até o ator Michael J. Fox tem um papel, como um super-fã e colecionador de memorabilia. O efeito dessas participações é criar uma ponte com a realidade, de forma a tornar os “fatos” apresentados mais convincentes.

Bruce Willis dá uma das mais energéticas performances de sua carreira como o objeto do “documentário”. Incorporando totalmente as diferentes fases do gênero musical através dos movimentos corporais: desde danças quase estáticas do Pop à la Beatles, passando pelos explosivos saltos e intensidade no modelo Folk-Hippie, e até mesmo

capturando a hiperatividade do Glam, Willis consegue se transformar para cada momento do filme.

E não se deve tirar crédito da equipe de maquiadores e cabeleireiros por essas metamorfoses. A variação drástica não vem apenas nas coreografias de Willis, mas em sua aparência. Entre diferentes tamanhos de cabelo, pêlos faciais e figurinos extravagantes, o ator vira um verdadeiro camaleão do Rock.

Inserindo uma figura na história de maneira eficiente, formado por um elenco de peso, contando com números musicais empolgantes e trazendo uma grande atuação de Bruce Willis, O Retorno de Bruno é uma obra extremamente divertida.





➔ Guitarra mais cara



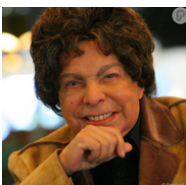
A Fender Stratocaster não foi usada por algum astro do rock, mas ela carrega esse título por ter sido leiloada para ajudar vítimas de um tsunami que atingiu o continente asiático em 2005. Ela tinha autógrafos de diversos astros do rock como: Mick Jagger, Eric Clapton, Brian May, Keith Richards, David Gilmour, Jimmy Page além de Jeff Beck, Mark Knopfler, Pete Townsend, Ronnie Wood, Ray Davis, Liam Gallagher, Paul McCartney, Angus & Malcolm Young, Tony Iommi, Bryan Adams, Ritchie Blackmore e Sting! E foi arrematada no valor de 3,6 milhões de dólares.

CURIOSIDADES SOBRE O ROCK

Para fãs do rock Elvis Presley não morreu, mas o rock carrega diversas outras curiosidades e lendas que deixam esse histórico gênero musical em um dos maiores e mais ouvidos no mundo inteiro.

Para isso, nossa equipe da Agência Júnior de Comunicação e Marketing, reuniu algumas curiosidades do Rock'n Roll. Confira a seguir:

➔ O Primeiro...



...rock gravado no Brasil, foi escrito por Miguel Gustavo autor da marchinha "Pra Frente Brasil", ele compôs o "Rock and Roll em Copacabana" gravado por Cauby Peixoto em 1957.

➔ O disco mais...



...vendido de rock em todo mundo: O album Hotel California da banda Eagles, lançada em 1976, vendeu um total de 32 milhões de cópias em todo mundo.

➔ Você sabia...



...que o Rock já fez sucesso junto com a Bossa Nova? Na década de 60 o Rock e a Bossa Nova, andavam de igual para igual entre a juventude brasileira. Ambos falavam das praias e assuntos ligados ao cotidiano dos jovens na época.

➔ O Maior Público...



...em um Show de Rock: De acordo com o Guinness Book o cantor Rod Stewart é o dono do maior público em um show de rock. Ele se apresentou para 3,5 milhões de pessoas na praia de Copacabana no Rio de Janeiro, em 31 de dezembro de 1993.

Mais uma CURIOSIDADE

A clássica “mão chifrada”, que se tornou um símbolo não oficial do Heavy Metal, é muitas vezes associada (preconceituosamente) a rituais satanistas e adoração ao Costa Oca, ao Dibaixo, ao Inominável, enfim, ao Diabo. Na realidade, o gesto, chamado Malocchio, é um símbolo italiano da Idade Média que era usado para afastar energias ruins. Ao fazer o sinal, a pessoa deveria apontar para frente, indicando

.....

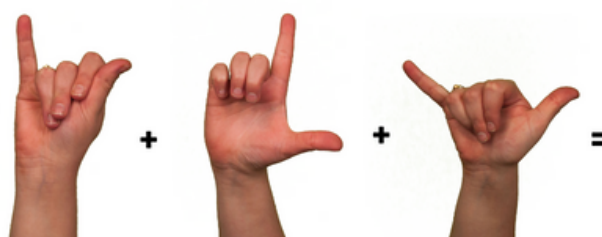
“furar os olhos do mal intencionado”. Ou seja, não só não tem nada a ver com o mal, como ainda serve para afastar energias ruins.

Outra curiosidade: se você fizer o Malocchio com o polegar estendido, ele se transforma em “Eu Amo Você” na Linguagem Internacional dos Sinais.



EU TE AMO EM LIBRAS

I LOVE YOU



PROFESSOR ROQUEIRO



OU SERIA O
CONTRÁRIO?

Nesta edição tivemos a enorme participação do Professor Julio. O que não poderia ser diferente, pois quem ainda não o conhece, Julio é um amante e conhecedor do mundo do Rock como poucos. Para conhecer um pouco sobre como surgiu este amor pelo Rock & Roll, convidamos o Julio para uma entrevista. Confira a seguir como foi este bate-papo.

GP - Professor Julio, poucos sabem, mas você cresceu em uma loja de discos. Dentre os inúmeros gêneros musicais, por que o Rock chamou sua atenção e é seu favorito?

PJ - Pois é... Aos nove anos de idade (já faz uns 15 anos, portanto), me mudei de Lins para Araras, cidade na qual um tio era dono de uma loja de discos, o Palácio da Música Tupinambá. Meus alunos talvez já tenham percebido que eu não consigo ficar parado. Imagina aos nove anos! Meus primos, que eram 5, me trancavam em uma sala nos fundos e me colocavam para ouvir todos os discos que chegavam à loja. Isto fez com que, desde pequeno, tivesse contato com todos os estilos de música. Eu ouvia de Música de Aboio a Heavy Metal, passando por música Erudita, Soul Music, Blues, Funk (quando não se falava de funk carioca), Sertanejo (quando nem sonhávamos que

Professor Julio, 51 anos, dos quais 42 dedicados à música e, principalmente, ao Rock and Roll. Nas horas vagas, também se arrisca em aulas de História.

existiria o sertanejo universitário), MPB, música Brega, enfim. Tive sorte de meus primos gostarem, cada um, de estilos diferentes e me apresentarem um pouco de tudo. Mas quando um funcionário da loja, chamado Amadeu, me apresentou um álbum do Judas Priest, os pelos do corpo se ergueram todos!





Foto tirada antes da pandemia.



Ali eu pensei: “quero ouvir isto pelo resto da vida”!

Música é isto: arrepiou, é sua favorita!

Gosto e ouço muita coisa fora do Rock, mas o que faz os pelos se erguerem com mais intensidade, ainda continua sendo o bom e velho Rock and Roll.

Obrigado Amadeu, seja lá onde você esteja.

GP - Como o Rock te influenciou para se tornar professor de História?

PJ - Uma das grandes sacadas das bandas de Heavy Metal dos anos 1980, foi a de construir álbuns com temáticas históricas. Saxon, Iron Maiden, Running Wild... E eu cresci ouvindo estes caras! Aí pensava: deve ser muito legal dar aulas de História e colocar isto para a molecada ouvir. Diversão e estudo ao mesmo tempo!

Hoje em dia tenho o prazer de conseguir fazer isto que eu sonhava que algum professor fizesse comigo.

"O MAIS LEGAL É QUE OS ALUNOS PERCEBEM QUE NÃO ESTAMOS APENAS OUVINDO MÚSICA, MAS APRENDENDO O CONTEÚDO..."

...seja pelas letras ou pelo contexto no qual as bandas produziram seus álbuns.

GP - Qual sua música favorita e por que?

PJ - Aí chegamos a uma questão quase impossível de responder!

Poderia fazer uma lista de “minha música favorita”, mas pensemos assim: minha banda preferida é o Led Zeppelin. Minha música preferida do Led Zeppelin é Thank You. Então, já que eu tenho que responder, digamos que minha música preferida é Thank You do Led Zeppelin.

Voltamos na questão de a música provocar arrepios. A combinação perfeita da poesia da letra, com o instrumental, o clima criado, o encaixe perfeito da voz à medida em que o tema vai tomando forma, levam o Prêmio Nobel de Arrepiou. Sei lá. Ela é perfeita e ponto. rsrs

GP - Você teria alguma mensagem para passar aos nossos leitores fãs do Rock'n Roll?

PJ - Se já são fãs, a mensagem é simples: NUNCA DEIXEM DE OUVIR e conhecer o que ainda tem sido feito dentro e fora do Brasil. O que não é pouco.

Se ainda não são, sabe-se lá por qual razão obscura, comecem imediatamente a ouvir!

Clique nas imagens acima e confira a web rádio comandada pelo nosso Professor Julio.



CINE ROCK

DICAS DE FILMES, DOCUMENTÁRIO E CANAIS



clique na imagem para acessar o vídeo na plataforma correspondente
 Utilize o celular na horizontal para melhor visualização



YESTERDAY



Você consegue imaginar um mundo sem os Beatles?

**TELE
CINE**

O MELHOR DO CINEMA
 12 Anos

 **YouTube**
 14 Anos



CHORÃO ***
**MARGINAL
 ALADO**

A história do garoto da capital, que se mudou para a praia e queria cantar rock e andar de skate.

Toca Raul!!! Conheça a história do Maluco Beleza

NETFLIX

14 Anos

um filme de Walter Carvalho

Raul

O INICIO, O FIM E O MEIO.

School of Rock

NETFLIX

Livre

O conhecimento pode vir de onde menos imaginamos.

Um dos maiores shows de toda a história do Rock

TELE CINE

O MELHOR DO CINEMA Livre

Roger Waters: The Wall



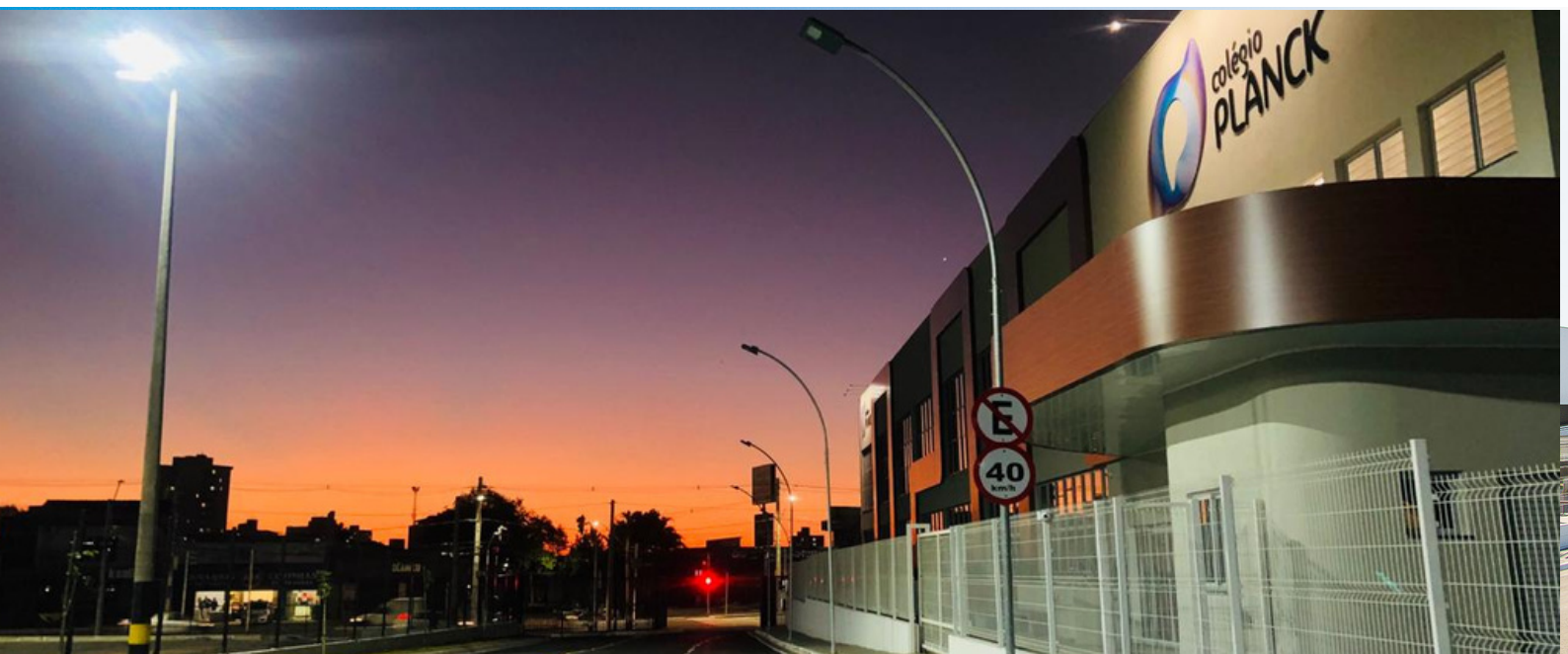
globoplay Livre

NO DIRECTION HOME BOB DYLAN

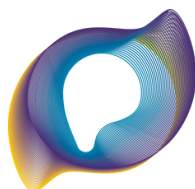
Dirigido por Martin Scorsese

"ROCK 'N' ROLL MIGHT NOT SOLVE
YOUR PROBLEMS, BUT IT DOES LET
YOU DANCE ALL OVER THEM."

Pete Townshend



AGÊNCIA JÚNIOR
DE COMUNICAÇÃO & MARKETING



colégio
PLANCK

Saiba mais em
www.colegioplanck.com.br

